

ANÁLISE SOBRE A CANÇÃO DE ROLANDO E COMO ESSA FONTE HISTÓRICA PODE SER UTILIZADA NO ENSINO DE IDADE MÉDIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

Thomás Ricardo Silva Pereira¹
Marília Isabela de Oliveira Maciel Cursino²

RESUMO: Esse comentário pretende analisar os benefícios de se ensinar História e, mais especificamente, a Idade Média utilizando uma metodologia inovadora para com as crianças brasileiras: a análise crítica sobre fontes históricas, que visam explorar as opiniões explícitas e implícitas de diferentes personagens do período medieval sobre as experiências que vivenciaram e torná-las mais próximas dos estudantes. Como exemplo de fonte histórica a ser explorada, A Canção de Rolando, um poema da época das Cruzadas, período marcado por guerras tanto físicas quanto idealizadas entre cristãos e muçulmanos, passará por uma contextualização e uma investigação a fim que as suas informações possam ser aproveitadas para a avaliação do período histórico em que foi composta.

Palavras-chave: Ensino de Medievo. Cruzadas. Canção de Rolando.

ABSTRACT: This commentary aims to analyze the benefits of teaching History, and more specifically, the Middle Ages, using an innovative methodology for Brazilian children: critical analysis of historical sources, which seeks to explore the explicit and implicit opinions of different characters from the medieval period about the experiences they lived through and make them more relatable to students. As an example of a historical source to be explored, The Song of Roland, a poem from the time of the Crusades, a period marked by both physical and imagined wars between Christians and Muslims, will undergo contextualization and investigation so that its information can be used to assess the historical period in which it was composed.

Keywords: Medieval Education. Crusades. Song of Roland.

1 INTRODUÇÃO

A História ensinada na formação básica dos brasileiros pode ser muito importante para o exercício e o aperfeiçoamento de habilidades que não só forme bons cidadãos, mas também pessoas bem orientadas a continuarem desenvolvendo suas graduações escolares e quem sabe um dia acadêmicas. Essa disciplina possibilita que os alunos desenvolvam análises críticas sobre os momentos políticos e culturais que os humanos estiveram inseridos ao longo de suas trajetórias, a fim de que elaborem argumentos e posicionamentos sobre a realidade em que

¹Mestrando em História pela Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte. Graduado em Licenciatura em História pela Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte. Professor de História da Escola Coração de Estudante, Recife-PE.

²Pós-graduada em Avaliação Psicológica pelo Centro Universitário Frassinetti do Recife (UNIFAFIRE). Graduada em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas (ESUDA). Formada em Recursos Humanos pela Faculdade de Comunicação, Tecnologia e Turismo de Olinda FACOTTUR.

vivem, inclusive, estabelecendo conexões interdisciplinares com saberes sociológicos e filosóficos, por exemplos, que também são muito importantes para um entendimento aprofundado a respeito da História.

Ao se tomar consciência da grande responsabilidade que os estudos históricos possuem na formação humana e propriamente escolar dos brasileiros, é preciso que o ensino dessa disciplina seja repensado a partir dos estudos de educadores de História visando obter resultados mais satisfatórios ao passarem os conhecimentos que dominam às novas gerações, de forma que essas se sintam mais interessadas e comprometidas com a análise e a revisão dos fatos que já aconteceram e com os quais se identificam. Na contemporaneidade, muitas críticas são feitas a divisão tradicional da história que privilegia as experiências dos povos que se desenvolveram na Europa e a ideia de que as histórias dos povos indígenas e africanos subsaarianos só teriam começado quando entraram em contato com os europeus. Entretanto, para os brasileiros, como descendentes de parte de uma cultura europeia e de sua mentalidade, é importante que façam revisões sobre a historiografia, ou seja, o jeito de escrever a história europeia e também estudem o passado dos europeus em si.

O período medieval, por exemplo, notável recorte da história europeia ensinado nas escolas de todo o Brasil, possui acontecimentos que ainda são de grande influência principalmente nas práticas culturais e religiosas do país. Dessa maneira, saber lidar com a “mentalidade medieval” presente na sociedade e estudá-la criticamente é muito importante para que as crianças que estão crescendo no Brasil tenham consciência a respeito de parte da bagagem sócio-cultural que não só elas, mas a sociedade delas também herdou.

Por ocasião das ideias de alguns pensadores influentes, a Idade Média já foi amplamente taxada como um momento de estagnação intelectual porque, de acordo com esses, as pessoas que vivenciaram esse período não teriam desenvolvido as concepções antropocêntricas e científicas deixadas de legado pela Antiguidade Clássica, precisando valorizar os idealismos religiosos como consequência da coerção que sofriam da Igreja. Essa visão sobre a Idade Média passou a ser duramente questionada, principalmente na passagem do século XX para o XXI (SILVA, 2019). Cientistas sociais demonstram que durante os quase 1000 anos de história dessa parte da humanidade é possível elaborar muitas perspectivas positivas no que diz respeito à produção de saberes voltados para a religiosidade, a administração pública, o desenvolvimento da economia, o florescimento de identidades culturais e a apropriação que foram realizadas

sobre as mesmas, entre outros temas de interesses introspectivos humanos e sociais (SILVA, 2019).

Levando em consideração toda discussão acima, esta pesquisa terá como objetivo fazer a análise de uma fonte histórica do período medieval (A Canção de Rolando) e explicar como essa abordagem pode ser satisfatória no ato de proporcionar aulas voltadas para as crianças, desenvolvendo um ensino de qualidade em que os estudantes brasileiros consigam alcançar boas formações como cidadãos e também, quem sabe, obter boas orientações para que se interessem por uma vida voltada a produção de pesquisas acadêmicas na área de ciências humanas. Antes de a fonte ser propriamente analisada, será feita uma contextualização sobre os principais acontecimentos que antecederam ao de sua criação. Logo após, serão analisados seus aspectos como autoria, conteúdo e função a fim de tentar explicar sua utilidade na construção de um conhecimento sobre o período em que foi composta. E no final, será feita uma observação a respeito de como o contato direto com a fonte pode ser uma experiência enriquecedora para as crianças que se encontram dentro das escolas já que as mesmas não são muito próximas do material de pesquisa científica dos historiadores além das informações artificiais que recebem dos livros didáticos.

Para fazer um estudo sobre A Canção de Rolando e o que esse poema pode revelar a respeito de seu período histórico, é necessário narrar alguns acontecimentos que aconteceram séculos antes de sua composição a fim de que possa ser melhor compreendido. Entender a importância dos fatos históricos que envolveram o Império Romano, Carlos Magno e a mentalidade que estimulou os movimentos cruzadistas tornará a compreensão das teorias em relação a esse poema mais interessantes.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo do século V, o Império Romano passou por diversas crises que acarretaram no enfraquecimento de seu poder intercontinental. Além da instabilidade interna que o grupo de pressão formado pelos cristãos, que cultuavam a Cristo ressuscitado, causou para conseguir legitimar a Igreja Romana como a religião oficial do estado, contradizendo o culto ao imperador e as várias divindades que se acreditavam até então (NETO, 2011), a dificuldade do estado latino em manter a sua custosa máquina pública e defender com eficiência as suas fronteiras no norte europeu contra as chamadas populações bárbaras, na visão dos romanos, “incivilizadas”,

formadas em grande parte por povos germânicos, foram alguns dos motivos que desgastaram as instituições romanas, principalmente na sua parte ocidental (SILVA, 2019).

Dentre os muitos povos germânicos que invadiram ou migraram para os territórios que pertenciam ao esfacelado Império Romano do Ocidente em busca de melhores oportunidades econômicas e de sobrevivência, é possível avaliar que os francos, que na época se estabeleceram na antiga região da Gália, foram os que promoveram o estado de maior proeminência se comparado aos outros que se formaram na Europa Ocidental. Inclusive, esses não vieram com uma proposta de quebrar os padrões culturais, políticos e econômicos que existiam na Roma Antiga. Pelo contrário, tinham o interesse de se apropriar da organização social deixada de legado pelos latinos a fim de explorarem benefícios para si mesmos (SILVA, 2019).

Nada animava os Germanos contra o Império, nem motivos religiosos nem racismo, muito menos ainda considerações políticas. Em vez de o odiarem, admiravam-no. Tudo o que desejavam é apenas estabelecer-se nele e tirar proveito dessa fixação. Os seus reis aspiravam às dignidades romanas. Nada de semelhante, antes pelo contrário, com o que se verificará entre muçulmanos e cristãos. O seu paganismo, que os não excitava contra os deuses romanos, muito menos os devia excitar contra o Deus único (PIRENNE, 1970, p. 21).

Levando em consideração a mentalidade dos povos germânicos que foram montando seus reinos, não é difícil entender como o Reino Franco foi inspirado pelo antigo poder comercial e invenções institucionais, como a religiosa, que um dia tinham pertencido ao Império Romano. O primeiro rei “geral” dos francos e fundador da dinastia Merovíngia, Clóvis I, foi responsável por estabelecer importantes diálogos com a Igreja Romana, quando participou de um ritual para a conversão a mesma, o batismo, em 496 e tornou-se receptivo ao compartilhamento da fé cristã ao restante da Europa Ocidental. Carlos Martel, por sua vez, fundador da dinastia Carolíngia, foi responsável por liderar a defesa dos francos na conquista na Batalha de Poitiers em 732, em que os europeus conseguiram uma de suas mais significativas vitórias na intenção de conter o avanço político e religioso dos muçulmanos no resto do continente Europeu e se manterem fiéis aos seus líderes e as suas convicções cristãs (SILVA, 2019).

Ao longo de suas trajetórias, os líderes francos aos poucos foram fortalecendo a noção de que enfrentar os “bárbaros incivilizados” na verdade deveria ser entendido como eliminar as práticas pagãs que resistissem às suas autoridades assim como a de Cristo. Seguindo a tradição desses governantes, de estabelecer uma relação íntima e defensora da cristandade, Carlos Magno, neto de Carlos Martel, foi o mais bem-sucedido de todos os que alcançaram o posto de

rei dos francos. Após as suas conquistas militares, ele estendeu os limites territoriais do seu estado dentro da Europa e conseguiu respeito suficiente para ser coroado pelo papa Leão III como imperador carolíngio no ano de 800.

Claro que Carlos podia outorgar-se a si mesmo a dignidade de imperador ou mandar-lhe conceder por um sínodo da sua igreja. Mas quão mais legítimo pareceria a toda a Cristandade se ela lhe fosse conferida por iniciativa do papa! A desproporção que há entre o título de patricius, que Carlos usa, e o poder de que dispõe desapareceria. Seria o representante militar de São Pedro, como o papa é o seu representante religioso. Estariam ambos no mesmo sistema: o da ecclesia (PIRENNE, 1970, p. 206).

Carlos Magno foi responsável por estabelecer uma poderosa articulação religiosa, política e militar na Europa ocidental que muito contribuiu para os interesses da Igreja. Seus atos tiveram um grande impacto cultural nos cristãos que não deixaram sua memória se apagar, inclusive no período das Cruzadas, quando foi composta A Canção de Rolando e dentro dela foram postas várias referências e homenagens ao imperador carolíngio.

Após o governo de Carlos Magno, o Império Carolíngio, responsável pela administração de povos que, embora cristãos, eram diversificados etnicamente e possuíam diferentes interesses entre si, não conseguiu sustentar todo o seu poder e começou a sofrer uma série de desgastes institucionais, primeiramente tendo a sua unidade territorial sendo repartida entre três diferentes líderes pelo Tratado de Verdun que assim legitimou. Em seguida, com a ascensão de vários poderes feudais que causaram o enfraquecimento das autoridades monárquicas, principalmente no território propriamente dos francos (franceses) (SILVA, 2019).

Nesse contexto, para os europeus ocidentais, a autoridade da Igreja de Roma e, de forma especial, a do Papa, passou a ser uma das forças políticas mais influentes da região, se não a mais influente. Procurando obter paz na Europa Ocidental e proteger todos aqueles a que ela se sentia responsável, a Igreja de Roma passou a incentivar a formação de entidades militares que deveriam se responsabilizar pela proteção dos membros do clero, dos comerciantes, dos peregrinos, dos santuários, dos mosteiros, dos mercados, enfim, de todos e de tudo que fosse leal a autoridade do Papa (CARDINI, 2017). Num ato de demonstração dessa mentalidade político-religiosa que se formara, em 1095,

O papa Urbano II – discípulo fiel e sucessor direto de Gregório VII - dirigiu à aristocracia guerreira francesa uma advertência, divulgada a seguir por toda a Europa: aqueles que até então tinham vivido como saqueadores, martirizando seus irmãos cristãos, poderiam ir para o Oriente, onde cristãos encontravam-se ameaçados pelos muçulmanos, e empregar sua energia contra os infiéis (CARDINI, 2017, p. 536).

Essas missões, que tinham por objetivo aumentar o poder político da Igreja, permitir que a nobreza tivesse acesso a rotas comerciais para o Oriente e fazer com que os cristãos

reconquistassem “terras santas” como Jerusalém a partir do incentivo a guerra contra os muçulmanos, entre outros tipos de infiéis, ficaram conhecidas no século XIII como Cruzadas, que tinha o sentido de “sacrifício para com a cruz” ou de “levar a cruz”. Muitos dos guerreiros que se voluntariaram para cumpri-las não estavam preocupados com a responsabilidade religiosa das mesmas. Queriam se aventurar em busca de pilhagens e oportunidade de enriquecimento (SILVA, 2019).

Entretanto, também havia aqueles cavaleiros que, escutando o pedido de Urbano II como se ele fosse o próprio Deus, ficaram motivados em se redimir dos seus pecados protegendo os peregrinos até os seus espaços de orações em Jerusalém e duelando contra os infiéis nos campos de batalha. A figura do cavaleiro que tinha como motivação motriz para ser cruzadista a questão religiosa passou a ser supervalorizado, incluindo nas canções de gesta, onde eram idealizados como sendo o padrão de guerreiro que os cristãos deveriam seguir caso quisessem receber glórias divinas (CARDINI, 2017).

A fonte histórica que será comentada agora é chamada de A Canção de Rolando. Trata-se de um poema épico, datado segundo os especialistas, do final do século XI e apesar de não possuir autoria comprovada, compreende-se que essa certamente foi inspirada pelo contexto de tensões socioculturais ocasionadas pelas Cruzadas. Dentre alguns dos assuntos que são abordados no seu conteúdo, existe uma forte mensagem contra os muçulmanos, aqueles que eram considerados como a maior ameaça à consciência cristã que os europeus cultivaram nos seus introspectivos. Originalmente oral, a sua versão redigida mais antiga foi encontrada na biblioteca de Oxford, em um dialeto anglo-normando. É importante ressaltar também que o referido poema se inclui no gênero literário da canção de gesta, ou seja, era preparado para rimar e entreter plateias coletivas.

O conteúdo do poema é constituído em quatro partes. A primeira parte, chamada de “A Traição”, narra que durante sete anos, o Imperador Carlos Magno estava comandando seu exército na península ibérica contra os mais fortes e ousados inimigos da cristandade, os muçulmanos. O rei da região de Saragoça, Marsilio, líder dos sarracenos (muçulmanos com ancestralidade norte-africana), enfraquecido após perder consecutivas batalhas para os francos, projeta um plano para que seus danos econômicos e de reputação não sejam ainda maiores. Ele manda uma série de presentes luxuosos para Carlos Magno como garantia de que se converteria ao cristianismo se o imperador carolíngio abandonar a península ibérica (ANÔNIMO, 2006).

Receoso com a situação, o conde Rolando, um dos melhores cavaleiros francos, consegue convencer Carlos Magno, seu tio, de que o nobre Ganelão deveria ir de encontro ao Rei Marsílio a fim de averiguar as reais intenções dos sarracenos. Ganelão, entretanto, que era favorável às condições de Marsílio, fica descontente em ter que cumprir tal missão. Querendo se vingar de Rolando, Ganelão propõe ao rei Marsílio que juntos fizessem uma emboscada para atentar contra vida do cavaleiro franco, missão essa que também contribuiria para o enfraquecimento do imperador carolíngio. O líder dos sarracenos aceita os termos da empreitada. Quando Ganelão volta ao encontro de Carlos Magno, ele o convence das boas intenções de Marsílio, fazendo com que milhares de homens se preparem para voltar a seus territórios de origem (ANÔNIMO, 2006).

A segunda parte do poema chama-se “A Batalha”, onde é contado o caminho dos francos de volta à Europa-central com Rolando e seus homens compondo a retaguarda do exército carolíngio. Tudo parecia ir bem, até essa mesma retaguarda ser surpreendida por uma ameaça de milhares de sarracenos. Pretendendo defender seus compatriotas que se encontravam mais à frente do que ele no caminho, Rolando declina em chamá-los mesmo podendo fazê-lo e combate junto a seus homens de forma valente os muçulmanos, matando vários deles. Entretanto, seus esforços não são suficientes para lhe valer a vitória e, quando se aproxima da derrota, finalmente alerta ao restante das tropas carolíngias para que possam encontrá-lo (ANÔNIMO, 2006).

7

A terceira parte do poema chama-se “O Castigo dos Pagãos”. Ao chegar no campo de batalha onde Rolando e seus homens tinham sido assassinados, Carlos Magno se lamenta muito e manda seu exército ficar preparado para vingá-los. O rei Marsílio passa a receber intervenção de um poderoso emir do Oriente chamado Baligante. Esse rei reúne suas tropas e reforça o poderio militar muçulmano contra os de Carlos Magno. Na luta entre Carlos Magno e Baligante, o carolíngio vence o confronto e em seguida domina o território sarraceno na península ibérica de uma vez por todas. Nesse contexto, ele manda destruir templos de outras religiões que não a sua e obriga todos os muçulmanos que ali residiam a se converterem a sua crença cristã (ANÔNIMO, 2006).

A canção de Rolando foi inspirada na batalha de Roncesvalles que aconteceu no ano de 778. Carlos Magno, que ainda não era imperador como o poema narra, mas sim, um rei, marchou com as suas tropas até Saragoça, uma região da Espanha, no intuito de ajudar o governador de Barcelona, Sulayman Bem Al Arab, a respeito de um desentendimento de forças políticas que

estava acontecendo no território em questão. O rei carolíngio não tinha a intenção de dominar e converter os muçulmanos da península ibérica ao cristianismo como a canção faz crer.

Quando uma revolta de saxões eclodiu ao norte, Carlos Magno se viu obrigado a sair de Saragoça depois de algumas semanas, não chegando a ficar sete anos na região como o épico de Rolando descreve, e no seu caminho de volta, os soldados que formavam a retaguarda de seu exército realmente foram atacados, só que por bascos cristãos (grupo étnico do norte da península ibérica) e não muçulmanos como contado no poema. Nesse momento, figuras como a do conde Rolando, sobrinho de Carlos Magno, realmente vão a óbito durante o conflito. Mas, diante de tudo, é possível diagnosticar que o poema é uma ficção e que idealiza poeticamente personagens históricos como Carlos Magno e Rolando.

A “autoria” do épico sobre Rolando, que o escreveu no florescer das Cruzadas, ao analisar o contexto em que estava inserido, exercitou, através da ficção e da idealização, o passado de um dos principais personagens para o cristianismo ocidental, Carlos Magno, a fim de demonstrar a sua opinião em relação ao período de tensões políticas e religiosas que estava assistindo. Dessa maneira, o líder político, militar e religioso que o carolíngio realmente tinha conseguido se tornar em vida, obtendo conquistas que consolidaram a luta contra o paganismo e favoreceram o cristianismo, sendo recompensando futuramente com a coroa de imperador dada pelo papa, fez com que sua história se tornasse um dos pontos de discernimento do “compositor” de A Canção de Rolando de que lutar em nome de Cristo contra os sarracenos na sua época fazia sentido, porque seriam recompensados religiosamente. Entretanto, ainda foi preciso idealizar Carlos Magno como sendo um combatente de muçulmanos, no poema descritos como adoradores de mais de um deus (o que é contraditório) para, através de um processo anacrônico e fictício, “trazer” Carlos Magno até as Cruzadas e também “levar” as Cruzadas até a sua época em vida.

Ainda levando em consideração o universo ideal de A Canção de Rolando, os guerreiros que estivessem verdadeiramente comprometidos em empreender a guerra contra os infiéis muçulmanos em nome de Cristo poderiam ser ajudados divinamente nos campos de batalha pelo próprio Deus verdadeiro. No trecho do verso a seguir, retirado da penúltima parte do poema chamado “O Castigo dos Pagãos”, o exército de Carlos Magno é ajudado por Deus que impede o escurecimento do dia para que os sarracenos fiquem bem à vista dos francos.

Para Carlos Magno Deus realizou uma grande maravilha: o sol interrompe seu curso.
Os pagãos fogem. Os Francos os perseguem com firmeza. Alcançam-nos no Vale

Tenebroso. Atacam-nos e fazem-nos recuar até Saragoça, enchem-nos de golpes e os massacram, barram-lhes os caminhos e os atalhos maiores (ANÔNIMO, 2006, p. 60).

A derrota para os infiéis não necessariamente deveria ser encarada de uma maneira negativa, ou seja, como se o Deus cristão tivesse abandonado seus fieis. Toda forma de esforço empenhada contra os inimigos da Igreja, independente do resultado, satisfaria o ego do guerreiro na sua vontade de convencer a si mesmo de sua fidelidade para com a cristandade porque também seria chamado de filho de Deus e recompensado após a sua morte caso essa viesse a acontecer. Dessa maneira, o Conde Rolando, personagem referenciado no título do poema, demonstra o furor idealizado do homem em busca de redenção nos campos de batalha (LE GOFF, 1989). No momento de sua morte, é perceptível a intenção da “autoria” de comover seu público a fim de que Rolando seja apresentado como o exemplo de cavaleiro que alcança a paz de espírito, enquanto luta de corpo e alma em nome de Cristo, aceitando inclusive a possibilidade de ser martirizado pela fé:

O conde Rolando está estendido sob um pinheiro; em seguida virou o rosto para a Espanha. Começou a se lembrar de muitas coisas, de todas as terras que conquistou como um valente, da Doce França, dos homens de sua linhagem, de Carlos Magno, seu senhor que o criou. Não pode se impedir de chorar e suspirar. Mas não que esquecer de si próprio, bate no peito e pede perdão a Deus: “Pai verdadeiro, que nunca mentiste, que ressuscitaste São Lázaro dentre os mortos, que preservaste Daniel dos leões, preserva minha alma de todos os perigos, pelos pecados que cometi em vida!” Ofereceu a luva direita a Deus; São Gabriel pegou-a nas mãos. Sobre o braço mantinha a cabeça inclinada; com as mãos juntas chegou ao seu fim. Deus enviou seu anjo Querubim e São Miguel do Perigo; ao mesmo tempo que os outros veio São Gabriel; levam a alma do conde ao Paraíso (ANÔNIMO, 2006, p. 59).

O período das Cruzadas foi um momento em que os cristãos procuraram firmemente estruturar caminhos que os libertasse, assim como as pessoas ao seu redor, de práticas consideradas pecaminosas. Canções de gesta foram compostas no sentido de incentivar as pessoas a buscarem a redenção, principalmente nos campos de batalha, perante o Cristo, sem querer nada em troca além da admiração de Deus e de todas as bênçãos que ele poderia oferecer. O poema sobre Rolando é uma prova de que embora os guerreiros estivessem interessados com os saques e as pilhagens que fossem fazendo em suas trajetórias, outro fator que também os inspirava era o de não se tornarem mais escravos de comportamentos que fossem mal vistos aos olhos do Deus cristão, era o de buscar a redenção defendendo a Igreja e combatendo aqueles que buscavam a ofender. Os guerreiros cristãos que quisessem ir de encontro ao reino dos céus passaram então a ser figuras muito valorizadas do mundo ideal e poético dos europeus levando em consideração a construção imaginária que foi feita em cima do Rolando histórico.

Também é importante trazer considerações a respeito da maneira como os muçulmanos foram tratados em A Canção de Rolando. Desde a época dos reis carolíngios, a prática pagã européia passou a ser considerada um dos maiores desrespeitos à fé no Cristo ressuscitado. Dessa maneira, levando em consideração o contexto de efervescência da rivalidade religiosa entre cristãos e muçulmanos em que a “autoria” do épico de Rolando estava inserida, essa aproveitou, inconscientemente ou não, o preconceito em relação ao paganismo entre outros elementos associados a “incivilidade” da sua realidade social, para atribuí-los aos sarracenos, que são descritos como adoradores de mais de um deus, nenhum deles sendo Alá. Tratava-se do culto a divina trindade composta por Tervagante, Maomé e Apolo, esse último deus do panteão mitológico grego-romano. No trecho a seguir, é nítida a narração depreciativa feita aos “muçulmanos pagãos”:

Baligante diz: “Vamos, barões, a cavalo! Que um leve a luva e o outro o bastão!” Eles respondem: “Caro senhor, assim faremos!” Eles cavalgaram tanto que chegam a Saragoça. Passam por dez portas, atravessam quatro pontes e todas as ruas onde moram os burgueses. Ao se aproximarem do alto da cidade ouviram um grande rumor vindo do palácio. Ali está reunida uma multidão da corja pagã. Eles choram, gritam, manifestam grande dor. Deploram os deuses que não têm mais, Tervagante, Maomé e Apolo. Dizem entre si: “O que vai ser de nós, desgraçados? (ANÔNIMO, 2006, p. 64).

De fato, os muçulmanos foram responsáveis pela fusão de suas culturas com a dos gregos, misturas essas que contribuíram para a preservação e a continuidade dos estudos a respeito dos conhecimentos clássicos no medievo. A perspectiva greco-árabe, inclusive, foi bastante compartilhada na península ibérica, o grande cenário de A Canção de Rolando.

Alimentados pelos livros da esplendida biblioteca de Córdoba, um neo-platônico como Ibn Masarra, um médico como Zahráwi preparam, para os tempos futuros, a transmissão ao Ocidente cristão do pensamento greco-árabe (MIQUEL, 1971, p. 182).

Apesar de o fato dos árabes terem fundido suas perspectivas com a dos gregos, a interpretação contida em A Canção de Rolando de que os muçulmanos cultuavam mais de um deus como Maomé, que na verdade foi o mais importante dos mensageiros de Alá, o único e verdadeiro Deus na crença islâmica e de que prestavam adoração a Apolo, o deus do sol, das artes e da poesia na cultura grego-romana não condiz com a maneira que os próprios muçulmanos se enxergavam e se apropriavam dos cinco pilares do islã para as suas vidas.

Uma característica notável que a sociedade muçulmana da península ibérica cultivou no período medieval referenciada implicitamente em A Canção de Rolando é o fato de que ela era inclusiva em relação ao povo judeu em seus domínios, propiciando um cenário acolhedor para os negócios e promovendo uma comunidade que, além de quererem se libertar dos pecados que

desagradavam a Alá, também queriam, notoriamente, cultivar um ambiente comercial receptivo as iniciativas privadas (MIQUEL, 1971). Evidentemente, para a autoria do épico sobre Rolando, a acolhida de praticantes do judaísmo, que não acreditavam no Cristo ressuscitado, por qualquer que fosse o povo, era um ato de desrespeito com o cristianismo. Na penúltima parte do poema denominado “O Castigo dos Pagãos”, é feito o seguinte relato em relação às sinagogas, mesquitas e os infiéis:

O dia passa, a noite desceu. A lua está clara e as estrelas brilham. O imperador tomou Saragoça. Manda mil Franceses revistar bem a cidade, as sinagogas e as mesquitas. Com maças de ferro e machados, quebram as estátuas e todos os ídolos; aí não restará mais nenhum sortilégio nem malefício. O rei acredita em Deus, quer fazer Seu serviço. Seus bispos benzem as águas. Levam-se os pagãos até o batistério. Se agora alguém se opuser a Carlos, o rei manda prender, queimar ou matar. Mais de cem mil recebem o batismo e se tornam verdadeiros cristãos (ANÔNIMO, 2006, p. 81).

É possível avaliar que o “autor” do épico sobre Rolando, quando não idealizava informações incoerentes sobre os muçulmanos, ressaltava condutas que desaprovava sobre os mesmos, objetivando construir uma imagem de um inimigo verdadeiramente “incivilizado”, um perigo ao culto do Cristo ressuscitado. Dessa maneira, levando em consideração o gênero textual de A Canção de Rolando, seus declamadores, ao olharem para os olhos de seu público, queriam motivá-los a contribuir da maneira mais engajada que pudessem para os movimentos militares comandados por cristãos que tinham como meta derrotar as forças políticas e religiosas dos islâmicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do discernimento criado sobre a canção de gesta investigada, é possível constatar que conhecimentos importantes podem ser compartilhados em sala de aula, aperfeiçoando o entendimento que se costuma ter sobre a disciplina de História e o conteúdo sobre o período medieval. A pesquisa exposta anteriormente permite que os alunos se tornem cientes sobre o funcionamento do trabalho do historiador e da investigação das fontes históricas, fortalecendo a intimidade e a identificação que podem possuir com a disciplina que busca fazer um estudo do passado.

Além disso, ela também propicia que crianças e adolescentes entendam a importância da criticidade histórica e saibam fazer reflexões importantes sobre os aspectos medievais que sofreram rupturas, que ainda são influentes na vida em sociedade ou que poderiam volta a ser levando-as a tomar escolhas políticas, econômicas e religiosas conscientes. Entender as relações

humanas e ideológicas que propiciaram esses acontecimentos podem ajudar no entendimento crítico sobre a realidade sociocultural em que as crianças brasileiras estão inseridas para as mesmas, até porque a sociedade brasileira é herdeira de construções históricas medievais e estabelecer críticas sobre esse período histórico pode ser muito produtivo para a contemporaneidade.

Quanto mais possibilidades forem pensadas para que as crianças brasileiras consigam remontar o passado, inclusive o medieval, será muito produtivo para elas. O estudo de fontes históricas com a devida coordenação do professor e de outros materiais didáticos importantes para a preparação dos estudantes em relação aos testes que precisarão enfrentar ao longo de suas vidas é muito benéfico a fim de que as crianças se tornem mais interessadas e engajadas em suas formações na disciplina de História, inclusive, mantendo uma conexão interdisciplinar com saberes sociológicos e filosóficos.

REFERÊNCIAS

ANÔNIMO. *A Canção de Rolando*. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. Bela Vista: WMF Martins Fontes, 2006. 214 p.

CARDINI, F. Guerra e cruzada. In: GOFF, J.; SCHMITT, J.-C. (orgs.). *Dicionário analítico do Ocidente medieval*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

GOFF, J. *O Homem Medieval*. 1. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989. 200 p.

MIQUEL, A. *O islame e sua civilização: Séculos VII-XX*. Tradução de Francisco Nunes Guerreiro. Rio de Janeiro: Edições Cosmos, 1971. 617 p.

NETO, J. G. A Cristianização do Império Romano e o direito. *Thesis*, São Paulo, v. VII, n. 16, p. 1-12, 2011.

PIRENNE, H. *Maomé e Carlos Magno*. Lisboa: Dom Quixote, 1970. 301 p.

SILVA, M. C. D. *História Medieval*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2019. 160 p.